



O Palácio Itamaraty: R\$ 200 mil em salários, mais gastos com telefonemas e manutenção dos carros

Defensores do Senadinho propõem centro de pesquisa

Usar representação do Rio para estudos foi uma das idéias apresentadas por Benedita da Silva e Artur da Távola para convencer colegas a votar contra extinção

CLAUDIO RENATO

RIO — A teoria defendida pelos senadores cariocas Artur da Távola (PSDB) e Benedita da Silva (PT) para que o Senado mantivesse sua representação no Rio era que o Senadinho, como é chamado, pode se transformar em "importante centro de pesquisa". Outro argumento teórico: nos Estados Unidos, o Senado tem escritórios em todas as cidades. Na terça-feira, Benedita chegou a dizer na tribuna que considera a representação "um patrimônio político e cultural do Rio".

O esforço dos senadores do Rio teve resultados: na terça-feira, o plenário do Senado decidiu manter a representação. Apesar disso, a votação foi apertada: 24 votos a favor, 22 contra e 4 abstenções. O Senadinho — que fica no Palácio Itamaraty no Rio e funciona desde 1960, quando a capital federal foi

transferida para Brasília —, foi considerado desnecessário por um grupo de trabalho que analisou a estrutura da Casa e o senador Ney Suassuna (PMDB-PB) apresentou projeto extinguindo-o.

Salários — Na prática, o Senado joga pelo ralo pelo menos R\$ 300 mil por mês dos contribuintes para manter a representação. Só folha de pagamento dos 48 funcionários chega a R\$ 200 mil.

Além disso, o Senado paga a conta de 25 linhas telefônicas — cerca de R\$ 4 mil por mês —

e gastos com combustível e manutenção de 15 carros (atualmente, seis estão em condições

de uso), afora mordomias como cafézinho e água mineral.

Teoricamente, os carros e os

cinco motoristas deveriam estar à

disposição dos 81 senadores, sem

pre que chegassem ao Rio, para

transportá-los do aeroporto para

os hotéis e vice-versa. Na prática,

como poucos são os senadores que

vão ao Rio a trabalho, funcionários

levam os carros para casa, principa-

lamente em dias de plantão.

O diretor do Senadinho, Deus-

deus Miranda, há uma semana

manda dizer que não está. Segun-

do um funcionário,

estaria trabalhan-

do num escritório

na garagem do Pa-

lácio Itamaraty.

Na sexta-feira,

por exemplo, os

dois únicos funcio-

nários "visíveis"

disseram que o di-

retor estava em Brasi-

lia. Miranda

começou sua car-

reira como moto-

rista e, com a ajuda

da amizade de suc-

cessivos presiden-

tes do Senado, hoje

é diretor da representaç

ão, com

cinco secretárias e salário em tor-

no de R\$ 6 mil mensais.

SUASSUNA

APONTA A

DUPLICIDADE

DE TRABALHO,

MAS DEFENDE

SERVIÇOS NO

AEROPORTO

Duplicidade — Na teoria, todos os

funcionários da representação tra-

balham diariamente, mas, na prá-

tica, eles mesmos estabelecem es-

calas especiais de plantão e mui-

tos ficam até três dias sem apre-

cer. Suassuna chamou a atenção

ainda para a duplicidade do tra-

balho: além de receber senadores

no Aeroporto Internacional do

Rio, os 48 servidores do Senadinho

fazem basicamente o clipping diá-

rio (recortes de jornais) e as estatís-

ticas — serviços que são reali-

zados também em Brasília — e tra-

balham no pagamento de apo-

sentadorias de funcionários do Se-

nado, o que poderia ser assumido

por qualquer banco, por convênio.

Em julho de 1995, reportagem

do **Estado** mostrou que o escritó-

rio do Senadinho no Aeroporto do

Rio estava facilitando o embarque

de políticos sem nenhum controle

ou fiscalização de bagagens. Mas

os privilégios no aeroporto são de-

fendidos até por Suassuna, que

propunha manter um posto de

atendimento no local depois que a

representação fosse extinta. "A

maioria dos senadores têm idade

avançada e precisam desse supor-

te", argumentou, dando como

exemplos os senadores Josaphat

Marinho (PFL-BA), de 81 anos, e

Darcy Ribeiro (PDT-RJ), que tem

74 e está usando cadeira de rodas.